



Apresentação

Os estudos africanos: entre conceitos e caminhos

Fernanda Thomaz

Washington Santos Nascimento

Este segundo número da revista da Associação Brasileira de Estudos africanos se concentra, sobretudo, em buscar novas perspectivas e caminhos teórico-metodológicos na produção acadêmica do atual campo dos estudos africanos.

Alguns conceitos como civilização, cultura, memória, língua, sátira, realismo, escrita, poder, utopia, raça, genocídio e reparação estão sendo revisitados com o intuito de repensar seu conteúdo teórico-epistemológico. Os artigos, a nosso ver, estão inseridos em uma postura recorrente no campo estudos africanos dos últimos anos, que privilegia uma reflexão em torno de determinadas categorias de análise como um caminho para um amplo processo de descolonização epistemológica que, se não é sistematizado, prevê como ponto de partida a revisita aos conceitos coloniais.

Os artigos também apontam para um amadurecimento do campo, que se esforça para se descolar dos estudos empíricos centrados em bases teórico-metodológicas, estritamente, europeia para novos estudos que evidenciam a necessidade de construir conceitos mais endógenos ao continente africano.

Este segundo número da revista também nos possibilita percorrer caminhos de pesquisa em campos do conhecimento diversificados, bem como em diferentes regiões do continente. É verdade que ainda estão muito concentrados na história de países que tiveram um processo histórico conectado com Brasil, tais como Angola, Cabo Verde e Moçambique. Entretanto, os artigos apontam para outras possibilidades de olhar para além destas regiões, como por exemplo a Namíbia, localizado no sudoeste africano.

É natural que estudemos as regiões que estão historicamente conectadas a nós, com uma língua em comum e com uma larga tradição de estudos na área. Particularmente, os três países mencionados talvez sejam aqueles que mais estudos literários, antropológicos e históricos existam na academia brasileira. Mas é preciso também abrir os olhos sobre regiões ainda pouco conhecidas entre nós, vislumbrando outras possibilidades de pesquisa e olhares que, se em um primeiro momento possa parecer desconectadas da nossa história, por outro estão interligadas, de alguma maneira, no que se refere à geopolítica internacional.

Além disso, é preciso superar o axioma de que tudo tem que ser ligado a história do Brasil. Mesmo que de forma indireta, quando defendemos a necessidade do ensino e pesquisa em torno do continente africano, estamos pensando em um continente diverso, para além das heranças e experiências relacionadas à colonização portuguesa, e que só agora começa a se descortinar para nós.

Desejamos a todos uma boa leitura e que os textos inspirem na construção de novos conceitos e perspectivas.